



# O Grupo Sabor Marajoara no contexto do Festival do Folclore de Olímpia<sup>1</sup>

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Estêvão Amaro dos Reis*

*Universidade Estadual de Campinas – estevaoreis@yahoo.com.br*

*Lenita Waldige Mendes Nogueira*

*Universidade Estadual de Campinas – lwmn@iar.unicmp.br*

**Resumo:** O Grupo de Expressões Parafolclóricas Sabor Marajoara (Pará) participa do Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo (FEFOL) há vinte e cinco anos. Considerando que a criação do Sabor Marajoara foi, em grande medida, influenciada pelo contexto do Festival de Olímpia, empreenderemos uma reflexão acerca do fenômeno de recriação de manifestações folclóricas em contextos contemporâneos. Para tal utilizaremos os trabalhos de Travassos (2004) e Canclini (2010), além do conceito de “tradição inventada” discutido por Hobsbawm & Ranger (1997).

**Palavras-chave:** Música. Folclore. Festivais de Folclore. Recriações tradicionais.

## **The Sabor Marajoara Group in the context of the Olímpia's Folklore Festival**

**Abstract:** The Sabor Marajoara Group State of Pará has been participating in the Olímpia's Folklore Festival – São Paulo – (FEFOL) for twenty five years. Whereas the creation of Sabor Marajoara was largely influenced by the context of the Olímpia's Festival, we will undertake a reflection on the phenomenon of recreation of folklore in contemporary contexts. For this we use the work of Travassos (2004) and Canclini (2010), besides the concept of "invented tradition" discussed by Hobsbawm & Ranger (1997).

**Keywords:** Music. Folklore. Folklore Festivals. Traditional recreations.

## **1. Os Festivais de Folclore**

No Brasil, os eventos denominados Festivais de Folclore e Encontros de Cultura Popular encontram-se atualmente espalhados por todo o país. Alguns bastante tradicionais, com várias décadas de existência. Dentre os mais importantes podemos citar o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe); o Festival Internacional de Folclore de Passo Fundo (Rio Grande do Sul); o Festival de Folclore de Blumenau (Santa Catarina); o Festival de Folclore de Toledo (Paraná); o Festival Internacional de Folclore de Anápolis (Goiás); o Festival Internacional de Folclore de Montes Claros, a Festa de Agosto e o Festivale, no Vale do Jequitinhonha (Minas Gerais); e o Festival do Folclore de Olímpia (São Paulo). Estes eventos apresentam como característica principal a reunião de manifestações tradicionais – ou folclóricas como preferimos denomina-las – em seu espaço<sup>2</sup>, para que sejam vistas em suas performances de música e dança. Apesar da semelhança no que se refere a sua estrutura, cada evento em particular possui as suas peculiaridades.

O Festival do Folclore de Olímpia reúne grupos folclóricos e parafolclóricos, estes também chamados grupos de projeção folclórica<sup>3</sup> e atualmente é o maior evento do gênero no país. Realizado ininterruptamente há cinquenta anos, completados em 2014, reúne aproximadamente setenta grupos folclóricos e parafolclóricos de todas as regiões brasileiras. Em nenhum outro festival de folclore existente no Brasil é encontrada tamanha diversidade. No Encontro Cultural de Laranjeiras podem ser observados basicamente grupos folclóricos, especialmente da região nordeste do país, entretanto, paralelamente, verifica-se a ocorrência de shows de grandes artistas da indústria de entretenimento. O Festival promove o encontro de grupos folclóricos da região do Vale do Jequitinhonha, além de shows de artistas ligados à cultura regional. A Festa de Agosto de Montes Claros, com quase um século de existência, propicia o encontro de *Marujos*, *Catopês* e *Caboclinhos*<sup>4</sup> e, atualmente, está aliada a um evento promovido pela Prefeitura de Montes Claros, no qual ocorrem shows de artistas, como Hermeto Pascoal. O Festival de Folclore de Blumenau e o Festival de Folclore de Toledo recebem em sua maioria grupos parafolclóricos. Os Festivais de Folclore de Passo Fundo, Montes Claros e Anápolis são Festivais Internacionais de folclore.

Idealizados pelo *Conseil International des Organisations de Festivals de Folklore et d'Arts Traditionnels* (CIOFF) – órgão vinculado a Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura (UNESCO) – os Festivais Internacionais de Folclore são relativamente novos no Brasil, Brasil, existindo há cerca de vinte anos, aproximadamente. Através de seções nacionais localizadas nos países sede, o CIOFF organiza festivais internacionais de folclore em todo o mundo e em seu espaço encontram-se, em sua maioria, grupos parafolclóricos representantes de outros países. Os Festivais de Folclore de Passo Fundo, Montes Claros e Anápolis são exemplos de festivais promovidos pelo CIOFF.

O surgimento dos Festivais de Folclore e os Encontros de Cultura Tradicional asseguraram, em grande parte, a “sobrevivência” dos grupos folclóricos. Estes eventos, na medida em que proporcionaram um novo espaço para o encontro, promovendo a troca de experiências e o intercâmbio de informações, contribuíram para a manutenção dos grupos inseridos nestes contextos. Experiência semelhante à observada nos Encontros de Bandas, através dos quais, as Bandas de Música encontraram um novo espaço para as suas apresentações, como assinala Reily (2013). No entanto, não obstante o papel relevante desempenhado por estes eventos, os festivais de folclore e os encontros de cultura tradicional representam no Brasil, ainda nos dias de hoje, um tipo de evento de caráter emblemático. Não pelo fato de reunirem manifestações folclóricas diversas em seu espaço, mas principalmente pelo contexto em que se originaram, isto é, apoiados nas pesquisas dos primeiros folcloristas.

Como assinala Lucas (2002, apud Reily, 1990) é preciso considerar que, em grande parte, o foco destas pesquisas pioneiras estava voltado para a construção de uma identidade nacional, o que fez com que se concentrassem no levantamento de dados e na documentação do “objeto folclórico”. Um dos objetivos principais era o de registrar e recolher este material para o futuro aproveitamento por artistas eruditos. Neste sentido, desconsiderava-se todo o contexto sociocultural destas manifestações e, conseqüentemente, a concepção de mundo daqueles que as produziam. Edilberto Fonseca (2009) lembra que uma das primeiras iniciativas da Campanha de Defesa do Folclore – instaurada pelo musicólogo Mozart de Araújo, em 1958 – corresponde à realização de um estudo na região de Januária (Minas Gerais). A pesquisa, coordenada por Joaquim Ribeiro – historiador, linguista e folclorista – iniciou-se em 1960 e teve por objetivo a investigação de aspectos concernentes a cultura folclórica, tradicional e popular da região. De acordo com o entendimento dos folcloristas da época, a pesquisa, neste caso, serviria somente para apoiar o objetivo principal do projeto: “a pesquisa, para o levantamento do material, permitindo o seu estudo; a proteção do folclore, evitando a sua regressão [...]”. (Fonseca, 2009, p. 5. apud Almeida, 1953: p. 341).

Posteriormente este tipo enfoque serviria de inspiração para a criação de festivais de folclore e demais eventos de natureza folclórica, promovidos pelos mecanismos oficiais de ação cultural (Lucas, 2002 apud Reily, 1990), o que fez com que o termo folclore e, conseqüentemente, os eventos de natureza folclórica, adquirissem uma conotação pejorativa. Sob esta perspectiva, os festivais de folclore são vistos como espaços de descaracterização e desvirtuamento das manifestações folclóricas, locais meramente destinados à usurpação dos saberes tradicionais que, desconfigurados e espetacularizados, acompanhando o pensamento de Carvalho (2004), seriam apresentados na forma de puro entretenimento.

Cientes de que alguns destes eventos orientaram-se segundo essa lógica, acreditamos que os festivais de folclore e os encontros de cultura popular de modo geral e, mais especificamente, o Festival do Folclore de Olímpia, não devem ser olhados apenas como locais destinados ao entretenimento. O Festival do Folclore de Olímpia pode ser entendido como um espaço catalisador das manifestações folclóricas, um espaço de “negociação”. O espaço do FEFOL, mediante um processo de valorização dos grupos folclóricos inseridos em seu contexto, estimula o fortalecimento destas manifestações, promovendo em alguns casos, o seu “renascimento”. (REIS, 2012).

Acompanhando o pensamento de (Hobsbawm & Ranger, 1997), podemos compreender o Festival do Folclore de Olímpia enquanto uma “tradição inventada”, cuja invenção está ancorada nas manifestações folclóricas existentes em Olímpia na época em que

foi idealizado.<sup>5</sup> Posteriormente, na medida em que a “invenção” do FEFOL se consolida, novas tradições surgem em seu espaço, “invenções” diretamente ligadas a sua própria “invenção”, isto quando considerado que a “invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado”. (Hobsbawm & Ranger, 1997: p. 12).

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM & RANGER, 1997: p. 9).

Neste sentido, o grupo Sabor Marajoara torna-se parte destas novas tradições “inventadas”, decorrentes da “invenção” do FEFOL e a ela complementárias. Assim como o encontro de Paulo Parente com o professor José Sant’anna<sup>6</sup> no contexto do FEFOL, propicia as condições necessárias para o processo de hibridação (Canclini, 2010), fundindo a estrutura do FEFOL às práticas culturais dos integrantes do Sabor Marajoara, como veremos a seguir.

## **2. O Grupo Parafolclórico Sabor Marajoara**

O Grupo de Expressões Parafolclóricas Sabor Marajoara da cidade de Belém do Pará inicia suas atividades em 1985, idealizado por Paulo Parente e Alexandre Monteiro e sua fundação oficial ocorre no dia 24 de junho de 1989. O Sabor Marajoara encontra-se entre os grupos que há mais tempo participam do FEFOL e possui uma característica que o liga de maneira singular ao evento: ele nasce em função do Festival do Folclore de Olímpia.

A partir das experiências vivenciadas como dançarino do grupo os Baioaras no ambiente do FEFOL, Parente, ao retornar a Belém, decide criar o seu próprio grupo.

Eu fazia parte de outro grupo folclórico [...] E... em 1987 a gente começou a fazer a criação do grupo. [...] começamos com afinco mesmo a parte de grupo folclórico, começamos na casa de meu pai, o primeiro presidente foi meu pai. Minha mãe, meus irmãos né, os amigos por perto [...] eu queria que aquelas pessoas que eu vivia, viessem a Olímpia e conhecessem o Festival de Olímpia. (PARENTE, 2011).

Consideramos importante observar que mesmo se tratando de um grupo parafolclórico, o Sabor Marajoara nasce em um contexto familiar, característica comumente observada nos grupos folclóricos.



Figura 1: Músicos do Sabor Marajoara: banjo e tambores (curimbós).  
 Fonte: Estêvão Reis [2012].



Figura 2: Lundu Marajoara, Grupo Sabor Marajoara no Palco do FEFOL.  
 Fonte: Luís Fernando Rabatone [200-].

Na década de 1980, durante os anos de sua participação no FEFOL, Parente se aproxima de José Sant’anna e por três anos reside em Olímpia. Esta proximidade, aliada ao ambiente do Festival, foram fundamentais para a decisão de fundar o seu grupo, o motivo transparece em sua fala: “eu queria que aquelas pessoas que eu vivia, viessem a Olímpia e conhecessem o Festival de Olímpia”. (PARENTE, 2011). Em outras palavras, Parente gostaria que as pessoas do seu convívio pudessem experimentar a mesma sensação de valorização<sup>7</sup> por ele vivenciada no contexto do FEFOL.

O episódio referente à visita do então Ministro da Cultura Francisco Weffort<sup>8</sup> à cidade de Belém em 1996, na qual pode assistir a uma apresentação do Sabor Marajoara, demonstra a dimensão das experiências vivenciadas por Parente no contexto do FEFOL. Após a apresentação o ministro Weffort aparece sem ser esperado, no camarim do teatro.

Ele [...] queria conhecer o Sabor Marajoara [...] Ele foi lá, cumprimentou, perguntou assim: qual era o nosso maior desejo. A gente podia dizê, não, a gente qué uma sede, ou a gente qué um ônibus, aí me veio um estalo na cabeça, nós queremos ir pra um festival. Ele disse: qual é o festival? O Festival Folclórico de Olímpia. Aí o nosso governador, que tava do lado dele, né? Ele disse: olha, então faça com que este grupo chegue até o Festival [de Olímpia]. (PARENTE, 2011).

Os grupos parafolclóricos não têm necessariamente uma relação direta, de uma perspectiva tradicionalista, com a manifestação folclórica que estão representando. Com ênfase em maior ou menor grau na estética, tem nos grupos folclóricos uma fonte de inspiração e pesquisa e utilizam para a criação dos seus trabalhos artísticos os ritmos, os trajes e os passos de dança das manifestações folclóricas da cultura popular brasileira. O objetivo principal consiste em levá-las ao palco na forma de espetáculo. Neste sentido, o Grupo Sabor Marajoara é considerado um grupo parafolclórico.

O termo parafolclore aparece em Olímpia pela primeira vez em uma edição de agosto de 1976 do jornal o Tabloide da Nova Paulista, em uma sessão denominada Folclorário, destinada à publicação de estudos e notícias relacionados ao folclore e, mais especificamente, ao Festival do Folclore de Olímpia. A matéria do Tabloide convida pra o desfile de encerramento do FEFOL, ponto culminante do evento desde as suas primeiras edições, e anuncia que o desfile contaria com a presença de grupos de folclore autêntico e de grupos de parafolclore. No contexto do FEFOL e mesmo entre os moradores da cidade de Olímpia, o termo parafolclore se opõe ao termo folclore: folclore remete a autenticidade e tradição; parafolclore refere-se a algo que apesar de não estar ligado diretamente a uma tradição, representa esta tradição. Desse modo, os grupos considerados folclóricos estariam ligados a uma manifestação tradicional de maneira ancestral, uma tradição herdada dos antepassados e transmitida oralmente, de geração a geração. Os grupos de Congado e Folias de Reis são considerados folclóricos, já os grupos que apresentam estas mesmas manifestações em um palco, na forma de espetáculo, são considerados grupos parafolclóricos. Não é folclore, mas ainda assim, o representa.

O pensamento acerca dos termos folclore e parafolclore que permeiam o contexto do FEFOL estão presentes na fala de Parente.

Porque folclore é para aquele grupo que é da raiz. Nós temos a Marujada de Bragança, ela é folclórica, ela é daquele interior. Nós passamos a ser parafolclóricos porque nós trazemos aquela dança pra nossa cidade e apresentamos pra outros locais, então a gente passa a ser um grupo parafolclórico. [...] então a gente não pode ser um grupo folclórico. A gente não criou uma dança, a gente não trouxe ela de raiz. Então, o Sabor Marajoara pra ser folclórico, isso aí não vai poder ser nunca. (PARENTE, 2011).

Em nenhum momento o Sabor Marajoara se coloca no mesmo lugar dos grupos folclóricos. Parente assegura que o papel do seu grupo é o de divulgação e valorização do folclore. Sob esta ótica, ao constatar que o Sabor Marajoara nunca poderá ser um grupo folclórico, Parente estabelece e demarca a distância existente entre um e outro, distância que

deve ser preservada mediante o respeito a uma hierarquia pré-estabelecida entre o folclore e o parafolclore. Como alternativa para o fato de não encontrar-se ligado, de maneira ancestral a nenhuma das tradições que pretende representar, Parente, incentivado por Sant'anna, busca na pesquisa as referências e a proximidade necessárias para a compreensão – e legitimação – das tradições que pretende representar. Ao assistir pela primeira vez a apresentação do Sabor Marajoara no Festival do Folclore de Olímpia, Sant'anna assim reagiu: “você são o grupo parafolclórico mais folclórico que eu conheço.” (PARENTE, 2011).

Para Parente e o Sabor Marajoara, o termo folclore é sinônimo de tradição e sugere, concomitantemente, respeito e continuidade em relação ao passado. Já que o Sabor Marajoara não pode ser um grupo folclórico, o conhecimento e a proximidade com as manifestações folclóricas que apresentam é a justificativa para o trabalho artístico que desenvolvem. Neste trabalho de apropriação em busca da legitimação, o Sabor Marajoara se aproxima profundamente de algumas manifestações folclóricas que a delimitação entre folclore e parafolclore – nos moldes em que estes termos são compreendidos no contexto do FEFOL – torna-se fluida, facilitando o trânsito de informações entre os dois universos.<sup>9</sup>

Fenômeno semelhante é observado por Elizabeth Travassos (2004), especialmente nos grandes centros urbanos: o interesse de jovens artistas e estudantes pela cultura tradicional ou folclórica brasileira. Segundo a autora, emergiram nos últimos anos (especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo), recriações de celebrações e modos de expressão cujas raízes remetem a regiões muito distantes daquelas de seus atuais praticantes. Para estes jovens, o objetivo não está apenas em aprender a música, os passos de dança ou algum outro aspecto isolado dessas manifestações folclóricas, mas sim em apreendê-las na sua totalidade: “o aprendizado valorizado não é apenas técnico, tanto quanto a prática valorizada não é a da simples repetição habilidosa de gestos e cantigas” (TRAVASSOS, 2004: p. 112). Apesar da distância geográfica que os separa e da história familiar dos novos praticantes – atada a cultura e sociabilidade moderna – o objetivo maior está em captar e apreender o “sentimento da brincadeira”, o espírito da festa.<sup>10</sup> “Trata-se de recriar o ambiente do “brinquedo” que mobiliza a participação coletiva e exige múltiplos talentos expressivos de cada indivíduo.” (TRAVASSOS, 2004: p. 113).

Em ambos os casos, os novos praticantes destas manifestações não são herdeiros dos saberes que estão sendo recriados. Entretanto, o Sabor Marajoara somente apresenta manifestações folclóricas do estado do Pará e todos os seus integrantes são da mesma região onde se encontram as manifestações folclóricas pesquisadas pelo grupo. Por estarem próximos geograficamente e culturalmente dessas tradições, o contato entre os dois universos, ainda



que indiretamente em um primeiro momento, ocorre de maneira natural e isto favorece o convívio entre os grupos sociais envolvidos, o que propicia o intercâmbio e a troca de informações tanto no plano material, quanto no plano simbólico. Valendo-se de estratégias de reconversão simbólica (Canclini, 2010), o Sabor Marajoara se apropria dos saberes tradicionais do seu estado que, transformados, são adaptados ao novo contexto no qual se inserem, o contexto do Festival do Folclore de Olímpia.

## Referências

- CARVALHO, José Jorge. *Metamorfoses das Tradições Performáticas Afro-Brasileiras: de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento*. In: *Celebrações e Saberes da Cultura Popular*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/IPHAN, Série Encontros e Estudos, 2004, p. 65-83.
- FONSECA, Edilberto J. de M. *Etnomusicologia e Folclore: o caso do levantamento folclórico de Januária – MG e as gravações etnográficas das músicas de tradição oral no Brasil hoje*. *Música e Cultura*, nº4, p. 1-10, 2009.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. – 1ª ed. 3ª reimp. – Buenos Aires: Paidós, 2010.
- HOBSBAWM; E. RANGER, T. *A invenção das Tradições*. Traduzido por Celina Cardim. 3ª ed. Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- REIS, E. A. dos. *O Festival do Folclore de Olímpia, São Paulo: uma festa imodesta*. Campinas, 2012. 165f. Dissertação de Mestrado em Música. Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TRAVASSOS, Elizabeth. *Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular* in TEIXEIRA, J. G. J. C. (Org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS – UnB, 2004.

## Entrevistas

PARENTE, Paulo. *Paulo Parente: inédito*. Olímpia, 30 de julho de 2011. Entrevista concedida a Estêvão Amaro dos Reis.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisa de doutorado, em andamento, do autor.

<sup>2</sup> Milton Santos (1994: p. 41) espaço como “o meio, o lugar material da possibilidade dos eventos.”

<sup>3</sup> No contexto do Festival do Folclore de Olímpia, os grupos parafolclóricos ou de *projeção folclórica* são compreendidos da seguinte maneira: tem nos grupos folclóricos uma fonte de inspiração e pesquisa e utilizam





para a criação dos seus trabalhos artísticos os ritmos, os trajes e os passos de dança das manifestações folclóricas brasileiras.

<sup>4</sup> *Marujos, Catopês e Caboclinhos* ou *cabocolinhos* – Ver Cascudo (2001: 89, 96, 369 e 370).

<sup>5</sup> Ver Reis (2012).

<sup>6</sup> José Sant’anna (1937 – 1999) ou professor Sant’anna – um dos criadores do FEFOL. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, professor de português, pesquisador e folclorista criou o Departamento de Folclore de Olímpia e tornou-se membro efetivo da Associação Brasileira de Folclore.

<sup>7</sup> Cf. nota 5.

<sup>8</sup> Francisco Correia Weffort – Ministro da Cultura no período de 1995 a 2002, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

<sup>9</sup> Ao pesquisar o culto da Jurema, muitos integrantes do grupo tornaram-se adeptos do culto.

<sup>10</sup> Os grupos de Maracatu espalhados pelo Brasil são exemplos deste fenômeno. Além da música, os integrantes se interessam por todos os aspectos da brincadeira: trajes, comportamentos rituais, entre outras características.